

*O fazer, o dizer... Falando de Terapia Ocupacional **

JULIE CUNNINGHAM PIERGROSSI

TRADUÇÃO: JÔ BENETTON

Fazer, sentir, ser.

É um processo que se repete, sempre igual, mas sempre diverso. Se faz, se sente e é.

“Era melhor não vir”, disse-me um paciente de nove anos, chorando.

O menino tinha apenas questionado-me sobre quanto tempo restava ainda para o fim da sessão e eu tinha respondido: 25 minutos. Estávamos ainda no primeiro tempo de uma partida de futebol de mesa, que ao início havia sido decidido que seria de dois tempos mais outros dois tempos suplementares, mais os pênaltis. Para ele parecia que esse tempo andava muito veloz. Dizia que não era justo e a idéia deve finalizar este belo jogo (esta bela sessão) o havia enchido de tristeza.

A sua reação muito forte havia surpreendido-me. Era muito mais que um capricho de um menino que não quer interromper o jogo. Só nesse momento comecei a intuir a importância da sua partida de futebol. O forte sentido de aborrecimento que tinha me surgido pela repetitividade do seu jogo começava a se dissolver. Estávamos dia a dia no jogo que se desenrolava sempre do mesmo modo, tudo controlado completamente por ele: o número de gols assinalados, faltas fixadas, o rigor das penalidades.

Não havia emoção no jogo porque tudo era premeditado. Esse seu pranto em torno do tempo que passava havia-me feito perceber finalmente a força que colocara no ato de controlar tudo. Sem controle, só existia angústia. Esse menino havia tocado numa das temáticas mais dramáticas da vida: a angústia do tempo que passa e a coisa que acaba. Ele que afrontava a angústia a seu modo, solitário, a tinha compartilhado comigo numa partida de bola.

Marco prepara a batatinha silencioso e concentrado. Olhando a metade da batata que estava cortada em pedaços, põe a baixo tudo e diz que não é capaz, “faça você”. Diz isso

com ar enfasiado e resignado. Larga a batata e faca como se tivesse terminado naquele momento, como se não estivesse presente ele, Marco, mas só a faca e a batata. Com aquele “faça você”, dito friamente sinto-me usada como objeto, não como pessoa. Fico aborrecida, frustrada e conscientemente atenta e naquele momento com muita antipatia por ele.

Levanto o rosto para olhá-lo melhor, antes de dizer-lhe o que está fazendo e vejo um menino de oito anos sem curiosidade, sem vontade, sem qualquer energia positiva que lhe permita avançar na vida, e alguma coisa me entristece. Experimento a ternura versus uma fragilidade que corre o risco de não ser segura. {(seria isso o correto?}}

Digo-lhe que vejo um saco de pedaços de batatas já cortadas, então, ele é capaz. Deve haver algum outro motivo para que ele não siga avante, mas ele não me responde. Continuo, que aqui é um lugar que as crianças fazem, escolhem cozinhar e o adulto é um assistente. Queria ressaltar o fato que esta era uma oportunidade para ele poder decidir e não estar sob a imposição de um adulto. Não lhe digo para terminar a batata e também não vou terminá-la. Como resposta Marco toma na mão a faca e começa a cortar a batata a golpe veloz, com uma expressão feroz no rosto e de um modo muito mais agressivo do que antes. Digo-lhe que pareciam golpes de Samurai e o vejo se divertindo genuinamente. Nesse momento estamos juntos.

Tinha pegado a faca e a batata como para dizer, “veja o que me fez fazer” fazendo ver o quanto era perigoso. Quando finalmente estou perto de aproximar-me da sua agressividade transformo-a em jogo compartilhado com a palavra Samurai, ele pode ver-me como aliada protetora de uma relação que esta sendo jogada e pensada. Este menino lacrimoso e nunca satisfeito em casa e na escola havia conseguido ser antipático também diante da terapeuta. O fato de pensar que ele tinha necessidades e de ser capaz de ajudá-lo havia mudado qualquer coisa em nós dois.

“Sinto-me um forno”, dizia uma aluna de terapia ocupacional, falando de uma paciente, uma menina de 13 anos que leva embora tudo que cozinha durante a terapia. Essa paciente traz de casa os ingredientes em vez de usar os da terapeuta.

Esta se sente usada, insiste em mudar a atividade e por cinco sessões a paciente não vem à terapia.

Falando-me em supervisão, a terapeuta descreve a sua raiva, a sua vontade de “não dar”, a essa paciente tão difícil. Descreve a situação como: ou dá tudo que a paciente pede ou deve enfrentar o “não” dessa menina a cada proposta que fizer.

Ao longo da supervisão, a aluna se recorda do início da terapia, da primeira sessão de observação na qual a menina havia dito “tenho a cabeça vazia”. A terapeuta se recorda de haver fantasiado de poder preenchê-la. De um lado se sente um forno, quer dizer, uma que gratifica, mas, de maneira passiva. Por outro lado, sente não conseguir oferecer nada que verdadeiramente satisfaça a paciente. O que falta é um verdadeiro encontro entre as duas. O terapeuta ocupacional não pode preencher a cabeça de um outro, mas pode procurar um espaço na sua própria cabeça para pensar em uma menina muito só que ocupa o lugar de uma menina sempre insatisfeita e arrogante. Só assim poderá começar a sentir por sua paciente.

Giorgio, um rapaz de 13 anos entra na sala, fica quieto e espera enquanto um outro de seu grupo tira fora o material para jogar. Quando lhe pergunto o que quer fazer, responde-me claramente para não lhe fazer essa pergunta, pois ele não sabe o que responder.

Percebo que com a minha pergunta espontânea coloco em evidência sua dificuldade de escolher. Por outro lado, se não se falava com ele, era capaz de permanecer quieto por uma hora. Se eu dissesse “Giorgio pegue sua canetinha que eu preparo o papel, ele esperava na mesa, quieto, aparentemente tranquilo, mas, sem pegar nada. Comecei a dar-lhe quase tudo: a idéia para uma atividade, o material necessário, deixando-o só e sossegado a criar”.

A sua resposta era um desenho repetido muitas vezes com variações gráficas, mas sempre o mesmo tema, “A Julie na prisão”. Não conseguia dizer-me nada, mas estava claramente divertido e satisfeito.

No seu desenho eu era punida, estando imóvel e controlada em um espaço intermediário onde o material que lhe dava e com o qual jogava era a resposta. Colocando-me na prisão Giorgio tinha encontrado uma maneira de jogar

com o seu medo, seu desejo, e a minha irritação inicial pela sua imobilidade foi substituída por um jogo racional criativo numa verdadeira contribuição por parte dos dois.

Claudia me diz que não volta mais, que há muito a fazer na escola. Não é a primeira vez que inicia assim a sessão. Tinha aceito vir à terapia ocupacional principalmente porque podia comer.

Apesar da sua declaração de recusa, durante a sessão fica bem. Faz comida e fala-me de muitos perigos de vir até a mim: o consultório que sente que é longe, a senhora da frente que fala mal, o ladrão em emboscada. Não come o alimento que prepara, mas o leva consigo toda satisfeita. Estou também satisfeita. Parece-me que voltaria, que havia superado o momento inicial de recusa.

Ao contrário, foge de novo. É difícil saber o que fazer com essa garota que está sempre pronta a renunciar a uma coisa que lhe permite estar um pouco melhor. Passa-me um sentimento de desilusão, de inadequação frente a uma declaração resoluta, que está sem uma via de acesso, sem um verdadeiro porquê. Por outro lado, vejo uma menina com muito medo e com suspeitas, que raramente está alegre. Decido falar de maneira diferente da sua recusa, de restituir uma coisa verdadeira para nós, de procurar uma solução real a todos os problemas práticos que ela me apresenta. Falo da importância para ela de ter um lugar onde possa protestar possa dizer não, um espaço diferente da escola onde possa ter raiva e tristeza. Falo também da possibilidade de mudança de horário e digo que entendo o quanto se cansa para vir. Ela olha-me e depois fala “mal”, com algum palavrão:

“O palavrão pode ser falado aqui?” Coloca uma fita cassete de música em alto volume para não me ouvir, mas pede para fazer uma festa de aniversário com balões coloridos, música e uma torta feita por ela. No fim da sessão pede-me se pode trazer uma Coca-Cola?

Penso ter compreendido que a sua ambivalência em torno à relação terapêutica está aceita, pode ser jogada e negociada. Deste modo ela se sente menos ameaçada e ao mesmo tempo muito presente. Dirá seguramente uma outra vez que não volta mais e eu deverei escutar esta voz como escuto a outra que pede afeto.

Fazer, sentir, ser, um processo interessante, automático, pleno de possibilidades inesperadas. Um processo do paciente mas também do terapeuta.

*Il Ruolo Terapeutico n° 82 - setembro 1999 -Il vivaio.